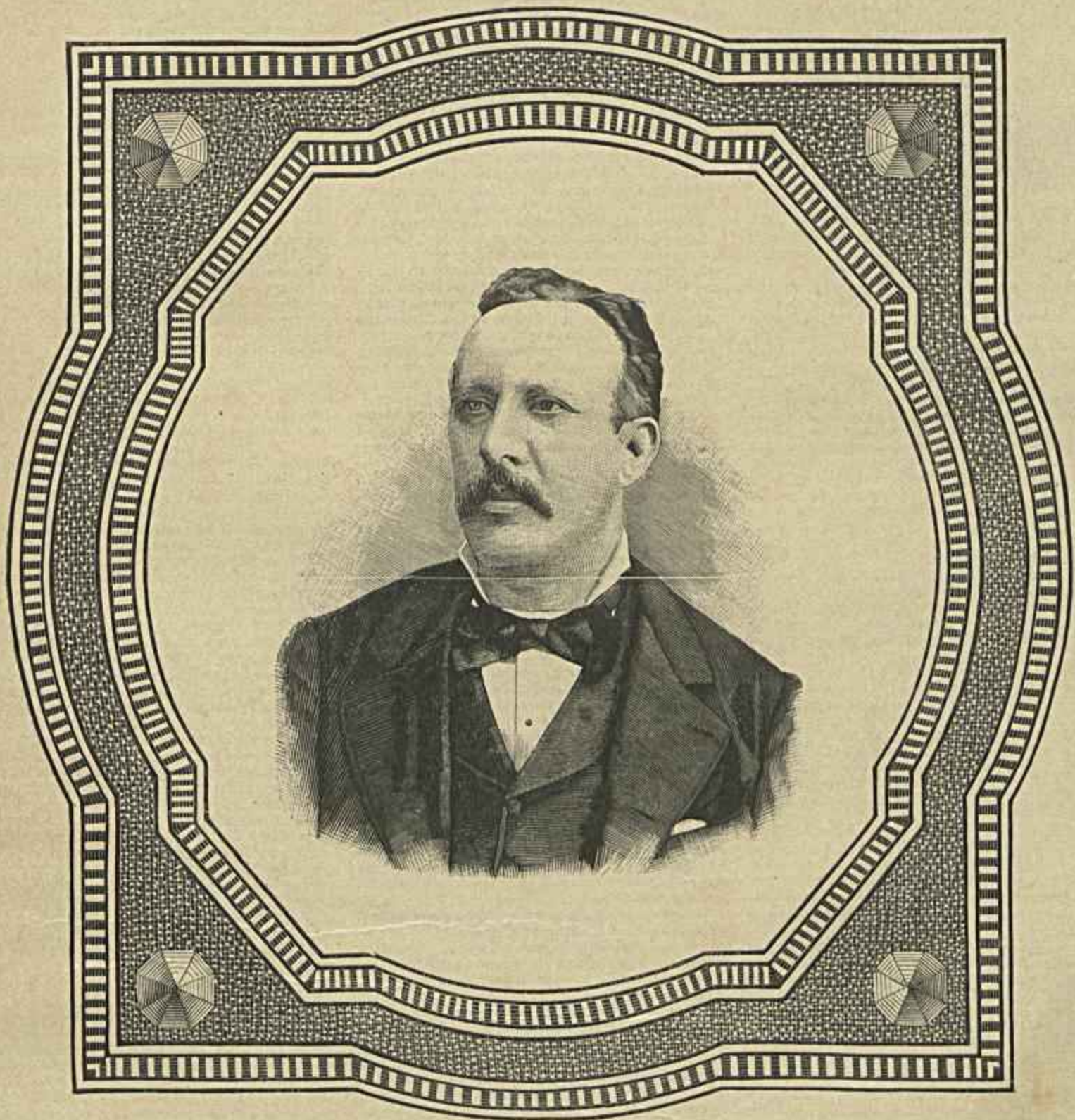


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 563	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs			
Portugal (franco de porte, m. torte)	36800	18900	8950	8120	11 DE AGOSTO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união gera' dos correios)	58000	28500	—	—		



CONSELHEIRO DR. SILVEIRA DA MOTA — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA  
(Cópia de uma photographia do sr. Sellas)



A' commissão promotora  
do numero especial do OCCIDENTE em homenagem  
a Caetano Alberto da Silva

Meus bons amigos:

Tão surprehendido quanto grato recebi a vossa homenagem, que só a muita amizade inspirou, vindo em mim predicados para a merecer.

Não tenho feito mais que o meu dever, procurando aproveitar a aptidão que Deus me deu em ser útil ao meu paiz no limitado recurso das minhas forças.

Por todas as fadigas me dou bem pago com os testemunhos de consideração e amizade que publicamente me acabas de dar e que eu folgo de publicamente vol-os agradecer, assim como a todos os illustres collaboradores do OCCIDENTE que cooperaram na vossa obra.

Por igual devo aqui testemunhar o meu maior reconhecimento á imprensa que se associou a esta, para mim, tão honrosa manifestação.

Por feliz me darei se as vossas palavras amigas tiverem em mim o poder de me alentar a proseguir e progredir na senda que tenho trilhado, a melhor merecer os vossos louvores.

Vosso companheiro  
e grato amigo

Caetano Alberto.



### CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou n'esta semana a vez de Monaco estar no galarim entre nós.

Geralmente muito pouco fallado em Lisboa o famoso Monaco desforrou se n'estes ultimos dias d'essa indiferença com que os lisboetas estavam costumados a tratar o e impoz-se as suas attentões tomando o logar d'honra entre os acontecimentos sensacionaes da capital pela chegada d'um principe e pela inauguração d'uma tabacaria.

Principe e tabacaria já ambos eram nossos conhecidos ha muito tempo, mas a novidade foi-lhes refeita agora: a tabacaria pela belleza da sua restauração, ao principe pela belleza do seu yacht e pelas honras de principe reinante com que pela familia real portugueza foi recebido.

Ha já um bom par d'annos que o principe de Monaco esteve em Lisboa, e n'esse tempo não era ainda principe reinante, era apenas principe herdeiro e era casado ainda com a sua primeira mulher Lady Mary Douglas-Hamilton, de quem d'ali a annos se divorciou para casar com a duqueza de Richelieu sua actual esposa e princeza reinante de Monaco, sua companheira na viagem de recreio e de estudo que ora anda fazendo a bordo do seu formosissimo yacht, que de sua esposa tem o nome — *Yacht Alice*.

Quando o principe esteve em Lisboa, ha mais de vinte annos, tivemos a honra de o conhecer pessoalmente e de passear com sua alteza no antigo Passeio Publico, na companhia d'uma das mais espirituosas e elegantes senhoras titulares que ao tempo havia em Lisboa e que de ha muito dorme o grande somno, a sr.<sup>a</sup> viscondessa de Menezes, que fez as honras da cidade ao principe de Monaco, a quem conhecia muito das suas viagens.

O principe de Monaco era então um rapaz muito novo ainda, um bello e galante rapaz, excellente conversador, muito alegre, muito dado, sem especie alguma de pose e que captivava todos que d'elle se acercavam pela simplicidade despertenciosa das suas maneiras, pelo bom humor da sua conversação.

D'esta vez não vi o principe de Monaco e tenho certa pena, porque gostava de comparar o principe reinante d'hoje, com o alegre rapaz d'então e ver a differença que n'elle tinham operado esses vinte e tantos annos que já vão passados.

O principe de Monaco chegou a Lisboa no dia 1 de agosto, precisamente no dia em que a tabacaria que do seu principado tem o nome, a tabacaria Monaco, do sr. Cruz, ao Rocio, realisava a sua inauguração e a sua transformação de tabacaria em galeria.

A tabacaria Monaco apesar de ser um dos estancos mais pequenos que havia em Lisboa era de ha muitos annos um dos mais acreditados.

O titulo de tabacaria Monaco foi-lhe posto pelo

velho Cruz, pae do actual proprietario, por ter coincido a abertura do estabelecimento com a primeira vinda a Lisboa do principe de Monaco.

O velho Cruz, um excellente homem, muito honesto, muito trabalhador, muito obsequioso e muito sympathico, teve a habilitade de, com a sua amabilidade, com o seu tacto commercial, com a arte de bem servir todos os seus freguezes, de procurar todas as maneiras de lhes ser agradável, arranjar rapidamente uma enorme clientella para a sua lojinha e de fazer com que ella, uma das mais pequenas de Lisboa, em tamanho, fosse das maiores em freguezia e em nomeada.

Seu filho Julio, ainda pequeno, acompanhava-o na loja, ajudava-o, estava sempre ali com elle, e com elle aprendeu essa sciencia difficil de conquistar sympathias e amizades, e por sua morte foi seu herdeiro e seu continuador na obra de fazer da pequena lojinha uma das primeiras de Lisboa.

E conseguiu o brilhantemente, e prova-o o applauso, a alegria enorme com que o publico e a imprensa acolheu a transformação da tabacaria Monaco em galeria Monaco, a metamorphose do modestissimo estanco, n'um dos mais elegantes, luxuosos e artisticos estabelecimentos de Lisboa.

Relacionado com os mais brilhantes artistas que hoje temos em Lisboa, que todos elles são freguezes da Monaco e todos elles amigos dedicados de Julio Cruz, recorreu ao talento e ás aptidões de varios d'esses artistas para restaurar a sua loja, restauração em que collaboraram Raphael Bordallo, Ramalho, Rozendo, Carvalheira, e outros e que transformou a pequenina loja n'um verdadeiro museu artistico de subido valor.

A inauguração da galeria Monaco foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa.

Durante os primeiros dias a concorrência do publico foi tão grande a admirar a primorosa decoração da loja, que o largo passeio do Rocio estava permanentemente cheio de gente e foi necessario pôr policia á porta para regularisar o serviço de entrada e sahida do publico na Monaco.

Felicitemos o sr. Julio Cruz, porque temos muita sympathia pelo seu brilhante empreendimento e pelo legitimo successo que o coroou.

\* \* \*

A policia de Lisboa, que ha um tempo a esta parte não dava muito que fallar de si, começa agora a ser fallada e com o seu bocadinho de razão, vamos lá com Deus.

Com intervallo de poucos dias tem-se realisado em plena capital e em pleno dia, duas audaciosas tentativas de roubo á mão armada, que não depõem lá muito a favor da habilitade e do cuidado com que a cidade está sendo policiada e que estão dando ao noticiario dos jornaes de Lisboa o sabor pittoresco de chronicas do Pinhal da Azambuja, nos legendarios tempos que já lá vão.

Esses dois casos foram muito commentados e fizeram muita sensação em Lisboa, e comprehendese bem que assim fosse.

Um dos casos deu-se no beco da Lebre, um beco que vaé do largo das Amoreiras á rua de S. Philippe Nery ou rua de Entre Muros—não sei bem ao certo a altura em que uma acaba e a outra começa—e esse caso teve todo o apparatus d'um assalto recamboloso, foi feito em forma, com mordanças, cumplices, espiões, atalayas, como se fosse delinado por Xavier de Montepin ou Emilio Richebourg. O outro caso, se não teve as mesmas condições de gravidade d'este, pelo numero de personagens que metteu e pela maneira como foi posto em scena, teve a augmentar-lhe, a agravar-lhe a importancia, o local onde se deu, na rua de Santo Antão, em plena cidade baixa, n'uma das ruas mais concorridas, em uma casa habitada, e á hora do dia.

Do primeiro caso os auctores foram apanhados, mas foram apanhados por populares, por paysanos e não coube á policia as honras de ter descoberto ou filado os malfatores: do segundo caso, o arrojado gatuno que em pleno dia se introduziu n'uma casa, com chave falsa, roubou um cofre com dinheiro, luctou braço a braço com a dona da casa, que presentindo-o lhe queria agarrar o cofre, e depois se safou deixando a pobre senhora cahida por terra com uns ferimentos, que não foram de gravidade, por um feliz acaso, ainda não foi descoberto, nem incommodado, nem preso, apesar da policia ter recebido logo communicação da occorrença e os signaes do patife, que era um mendigo conhecido da dona da casa.

Evidentemente, estes dois assaltos á mão armada, a poucos dias de distancia um do outro, feitos

dentro da cidade e com dia claro, não são documentos gloriosos para a policia, nem garantia de rocego e tranquillidade para os habitantes de Lisboa e estão a demonstrar a necessidade de se recorrer a um alvitre lembrado pela personagem d'uma comedia qualquer, que se deu em tempo ahí n'um theatro—ter guardas nocturnos tambem de dia!

Os jornaes do Brazil trouxeram-nos a noticia de ter fallecido na Bahia, onde residia ha annos dirigindo um hospicio de caridade, um actor que foi em tempo muito conhecido e muito applaudido nos theatros populares de Lisboa, o actor Rodrigues pae da actriz Judith Rodrigues, actriz que durante muitas epochas fez, com applauso, parte da companhia do theatro do Gymnasto, d'onde sahio em maio do anno passado para ir para o Brazil com a companhia do theatro de D. Maria.

Judith voltou do Rio no fim do anno, mas como a epocha theatral ia já adelantada e os theatros de Lisboa tinham já todas as suas companhias completas, não conseguiu arranjar escriptura e partiu de novo para o Rio, ha poucos mezes.

O actor Rodrigues, que nós só conhecemos da nosa cadeira de espectador e quando eramos ainda muito novo, tinha certo merecimento, e sem ser uma notabilidade artistica tinha papeis em que agradava muito.

Se a memoria nos não engana, o genero de papeis em que era mais notavel, era nos papeis de marinheiro: caracterisava-os com verdade: o typo, a voz, a cara, serviam-no excellentemente para os papeis de homem do mar, papeis de que tirava muito partido e em que agradava muito ás plateas.

Ha muitos annos que Rodrigues se ausentou da scena e deixou Portugal pelo Brazil.

Ao principio houve noticias d'elle, depois houve um grande interregno sem noticias, chegando mesmo aqui ha annos a correr o boato de que elle tinha morrido da febre amarella no Brazil.

Depois o boato foi desmentido e soube-se que elle estava vivo, mas deixára o theatro.

Agora a noticia da morte é infelizmente verdadeira.

Paz á sua alma!

Gervasio Lobato.

### SILVEIRA DA MOTA

Incluindo na galeria dos seus quadros a effigie de Silveira da Mota, o OCCIDENTE presta hoje uma homenagem devida ao merito assignalado.

Do conselho de sua magestade, secretario geral e director geral da direcção central da secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, vogal do conselho superior de instrucção publica, no ministerio do reino, e do de estatistica, na secretaria das obras publicas, presidente da commissão executiva do conselho penitenciario, ex-vice presidente da Academia Real das Sciencias, seu actual inspector da bibliotheca, e um dos redactores do dictionario da lingua portugueza, emprehendido pela mesma academia, e já concluido, posto que não impresso, antigo deputado a côrtes em varias legislaturas, e presidente da camara dos deputados, grão cruz de varias ordens, orador eloquente, escriptor elegante e vernaculo, palestrador espirituoso, por vezes levemente humoristico, senão irónico, dotado de animo generoso e de trato sobremaneira lhano e affavel, Silveira da Mota é sem duvida uma das individualidades mais distinctas, captivantes e verdadeiramente illustres, que hoje sobresaem d'entre a multidão das outras creaturas, que o incessante fluxo e refluxo da sociedade, pelo attricto constante dos seus usos e costumes, não menos constantes e uniformes, torna em tudo eguaes e, para assim dizer, alisa, como dirieis que succede aos seixos ou pedras do mar, sempre volvidas e revolvidas pelo fervido marulhar das ondas, n'aquelle seu tremendo fragor da arrebatção na praia.

Tendo concluido em 1856 a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, Silveira da Mota veiu para Lisboa praticar no escriptorio de seu pae, o sr. José Maria da Costa Silveira da Mota, que foi por muitos annos um dos ornamentos do fôro portuguez. Do tempo e trabalho que consumiu nas lides dos auditorios da côrte restalhe um diploma honroso: — ter sido eleito por aclamação membro da associação dos advogados de Lisboa.

Querô crer que a canceira dos autos não have-



ria de concorrer pouco para augmentar a seducção que o fulgurante movimento litterario d'essa epocha — a nobre e severa dicção dos estudos historicos de Herculano, os aureos versos de Castilho, os romances de Rebello da Silva e os dramas de Mendes Leal — exerciam poderosamente sobre os espiritos elevados, que tem o condão particular de não degradarem a existencia no culto da materia, e de não estolharem as flores da alma no lodo das torpezas.

A esse tempo cumpre effectivamente referir os seus primeiros ensaios litterarios no *Archivo Universal*, feitos com tal apuro e esmero que, estando agora pela maior parte colligidos em volume, se mostra serem, na verdade, estudos completos. Nada admira, pois, que esses trabalhos, maduramente pensados e redigidos a primor, lhe conquistassem facilmente, como logo succedeu, a estima e a bemquerença dos homens mais eminentes e preponderantes.

E como entre nós das letras á politica não dista mais que um passo — ou antes não dista passo nenhum — d'ahi veio que o voto popular foi, não direi a primeira, mas a mais geral e a mais publica consagração dos meritos incontestaveis de Silveira da Mota. Eleito deputado pelo Algarve em 1863, começou então para elle uma longa carreira, em que adeante fallaremos, na qual, se colheu muitas vezes as palmas do triumpho, não deixou tambem de experimentar os dissabores que de ordinario acompanham os que seguem impavidos a via escabrosa de dever.

O talento superior e a variada aptidão de que Silveira da Mota deu provas sobejas ao terçar as primeiras armas nas pugnas parlamentares determinaram muito nas boas horas a escolha da sua pessoa para chefe da 2.ª repartição da direcção geral dos negocios ecclesiasticos, logar para que foi nomeado por decreto de 1 de julho de 1864.

Aqui se lhe abriu outra carreira, cujos trabalhos, menos apregoados que os da politica, porém de certo muito proficuos, e allumados pelo clarão da publicidade, lhe concederam o justo galardão do apreço universal, dentro e fóra do reino, em todas as nações cultas.

Não ficaram por aqui, todavia, os frutos da sua intelligencia. Nos intervallos da sua vida politica, official e academica, quero dizer, nas horas feridas d'essas occupações fastidiosas e oppressivas, Silveira da Mota teve artes de compor livros, um dos quaes, os *Quadros da Historia Portugueza*, já conta cinco numerosas edições, facto que entre nós constitue verdadeiro assombro e é, na verdade, tão extraordinario como a appareição de um cometa!

Traçámos, embora de fugida, os lineamentos principaes da biographia de Silveira da Mota. E' evidente que a apreciação dos seus trabalhos está requerendo, pela summa importancia d'elles, um exame detido e imparcial, que nos propomos aqui fazer. Se uma vida interamente consagrada ao bem publico, no exercicio de elevadas funcções, de que temos documentos ao alcance de todos, por estarem impressos, e á honra e lustre do proprio nome, e tambem da sua patria, o que é de notoriedade publica, não fossem de per si incitamento bastante, sel o hiam a estreita amizade de longos annos e o reconhecimento por muitos e inolvidaveis favores. Que isto, porém não influa no espirito do candido leitor a menor suspeita de parcialidade nas nossas palavras. Pelo contrario: tudo o que avançarmos será com as provas na mão, e sujeito, como sempre, a quem o quizer contestar, n'esta ditosa republica das letras, em que, mais do que nunca, não ha presentemente rei nem roque.

(Continúa.)

ALBERTO TELLES.



## AS NOSSAS GRAVURAS

## QUARTA EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

Os dois quadros de que hoje publicamos a reprodução em gravura, são dos que, com mais vantagem figuraram na ultima exposição do *Gremio Artistico*.

Ao fim da tarde, quadro do sr. Marques d'Oliveira, affirma mais uma vez a correcção irreprehensivel com que este distincto pintor desenha a figura.

Esta qualidade evidencia-se principalmente na camponeza, outro tanto não se pôde dizer do boisinho que ella conduz a beber no regato.

Parece nos mesmo que o sr. Marques d'Oliveira não viu tal boisinho, e ficou-se em o desenhar de cór, o que na maioria dos casos atraição o artista, além de que, o desenhar animaes é uma especialidade que não a cultiva quem quer mas quem pôde.

A paisagem é de um colorido apagado, mas não deixa de ter harmonia dando boa impressão o conjunto.

*Barcos da minha terra*, quadro do sr. João Vaz, é um dos melhores d'este artista, já muito conhecido pela sua copiosa collecção de barcos e vistas do Sado.

Este quadro é bem composto, tem bastante ar e mais alguma tinta do que o geral dos quadros d'este pintor.

O sr. Vaz teve mais alguns quadros de merecimento n'esta exposição, como o seu quadro *As gaivotas* de grandes dimensões, em que ha um pedaço de praia accidentada, de grande largueza de pincel mas de uma illusão perfeita.

## MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

## CORVETA DUQUE DA TERCEIRA

Este navio ha pouco regressado ao Tejo de uma viagem d'instrucção de guardas marinhas é dos mais antigos da nossa armada. Foi lançado ao mar em 9 de abril de 1864 sendo ministro da marinha o fallecido conselheiro Mendes Leal um dos ministros que deu maior desenvolvimento ás construcções navaes no nosso arsenal, construindo-se na mesma occasião as corvetas *Sá da Bandeira*, *Duque de Palmella* e *Infante D. João*.

A corveta *Duque da Terceira* mede de comprimento entre perpendiculares 54<sup>m</sup>.80 largura 10<sup>m</sup>.36 e 1418 toneladas, as suas machinas são insignificantes dando apenas ao navio o andamento de 7 milhas por hora.

Esta corveta foi construida no nosso arsenal em 9 mezes e a canhoneira *D. Luiz I* está ha mais de dois annos na carreira!!!

No nosso arsenal haviam duas carreiras, mas ha poucos annos mandaram desmanchar uma . . . . .

Precisando a *Duque da Terceira* de caldeiras novas e grandes reparações e substituições de pavimentos para a mudança d'ellas, além da duvida sobre, se o estado do casco mereceria a despeza a fazer com tão grande fabrico, deu origem a que depois de desarmada estivesse muito tempo sem se tomar resolução sobre o futuro do navio.

Inminente a sua condemnação, como infelizmente a de alguns outros navios ainda em estado de prestar muito serviço, foi talvez devido ás informações colhidas, quando se pensou em aproveitá-la para navio escola nos Açores, que deveu o escapar. Resistindo a outra tentativa de ser empregada como pontão, na bahia de Pemba, para servir de nucleo a uma colonia n'aquelle nosso porto da provincia de Moçambique, só depois de todas estas duvidas foi resolvido que se lhe fizessem novas caldeiras. Passou a meio armamento para servir de deposito de presos, por occasião de uma commoção popular, sendo nomeado encarregado do commando o capitão de fragata sr. Teixeira Guimarães, que depois dirigiu todo o fabrico.

Em meados de 1892 estavam as caldeiras promptas e começaram os trabalhos a bordo.

Quando se estudou o artilhamento do navio, da substituição das velhas peças de alma lisa, propoz-se o fazer se lhe tombadilho e castello, o que foi accete e mandado executar pelo ex-ministro da marinha sr. Ferreira do Amaral, que tambem depois mandou que se fizessem as installações convenientes, para o navio ser applicado ás viagens de instrucção dos aspirantes, em substituição da corveta *Bartholomeu Dias*, que foi mandada para navio chefe da divisão naval de Angola.

Além de caldeiras novas e bankers de carvão, tambem feitos de novo, a machina foi reparada. O pavimento da coberta feito de novo, assim como todos os alojamentos de prôa e de ré e a antiga camara do commandante transformada n'um commodo e espaçoso alojamento, para aspirantes ou guardas marinhas.

O convés tambem foi novo, e por cima d'elle construiu-se um tombadilho, debaixo do qual se fez a camara do commandante, com installações apropriadas para quando embarque official general; á prôa, castello, sob o qual estão as latrinas, casas de banho e de lavagens para o estado menor e guarnição, além da despensa de artilheria, prisão isolada e arrecadações para luzes, limpezas e outras, revellando no aproveitamento do

espaço o escrupulo da direcção superior que presidiu á elaboraçáo de todos os planos.

A meio navio logo por ante a ré da chaminé, que tambem foi augmentada dois metros para melhor tiragem, construiu-se uma larga ponte, com casas de mapps e aparelhos de transmissáo de ordens para a machina. Foram estas as modificações mais importantes que soffreu o navio e que obrigaram a mexer em todo elle, sendo por isso o fabrico uma obra radical, podendo se considerar quasi como um navio novo.

O seu armamento é composto de seis peças Armstrong de 12 centímetros, de carregar pela bocca, em bateria na tolda; duas peças Hotchkiss de 65 milímetros tiro rapido aos dois bordos, em cima da ponte, um canhão revolver de 37 milímetros, Hotchkiss e uma metralhadora Maxim de 8 no tombadilho.

Destinando se este navio para as viagens annuas de instrucção, nas ferias da escola naval, o actual sr. ministro da marinha satisfazendo uma aspiração de grande parte dos nossos officiaes da armada, resolveu que além da viagem obrigatoria por lei, se fizesse uma outra para conduzir ás diviões navaes os aspirantes que concluíssem o curso, viagem que sendo feita a maior parte a vela, servisse tambem como melhor e unica escola para officiaes e marinheiros. No desempenho d'esta commissão é que o navio sahio de Lisboa, no dia 20 de novembro ultimo, para a Madeira, Praia, Cabo da Boa Esperança e Moçambique voltando pelo Cabo da Boa Esperança e Angola para Lisboa.

Quando este navio chegou ao Cabo da Boa Esperança deu-se um lamentavel desastre. Na occasião em que salvava a bandeira ingleza reventou um cartuxo fóra da culatra d'uma peça matando dois artilheiros e ferindo mais tres.

Este desastre produziu a mais profunda impressáo, dando logar á uma importante manifestação de sentimento, qual foi a do funeral das duas victimas, a que se associaram tanto as auctoridades inglezas como a população de Durban, sendo um verdadeiro dia de lucto aquelle em que se realisou o funeral.

A corveta *Duque da Terceira*, vae sahir brevemente para uma outra viagem de instrucção.

Grumete

## DIABRURAS, SANTIDADES E PROPHECIAS

## LOBISHOMEM E ASINOHOMEM

(Concluido do n.º 361)

O medico Oribazo, que viveu no tempo do imperador Juliano, descreveu assim os lobishomens: "... os atacados d'esta *malentia* sahem de casa por alta noite, imitando os movimentos do lobo, e vagueam pelos cemiterios em volta das sepulturas até ao amanhecer. Tem a tez pallida, os olhos encovados e sem brilho, a bocca rasgada com os dentes sahidos, os buços grossos e cahido o inferior, e muitas vezes em sitios ermos, arrastam se com as mãos pelo chão."

Esta extravagante superstição, attribuida á influencia do diabo, foi muito explorada em epochas passadas. A sciencia julga a um estado morbido com alterações mentaes. Nos individuos de excessivo temperamento nervoso o ouvir de continuo historias de transformações de entes humanos em animaes selvagens ou dumenticos, era o bastante para se lhe desenvolver a mania e convencerem-se de que estavam realmente transformados.<sup>1</sup>

Os medicos gregos chamam a taes doentes hy-cantrophos, e abundavam muito na idade média.

Quando a mãe tem successivamente sete filhos machos, só chamando se o ultimo Manuel escapa de ser lobishomem ou asinohomem. Se lhe põem outro nome, fica com o fadario de ir todas as noi-

<sup>1</sup> Mr. Charcot teve ultimamente na sua clinica do Hospital de Salpêtrière um caso in. cressantissimo de loucura (*zoanthropia*). A enferma era uma formosa rapariga de 14 annos, com olhos azues muito meigos, e cabellos loiros. Conversava muito atiladamente; mas, quando lhe dava o accesso, tornava-se de uma physionomia rude, com os olhos convulsos, a bocca crispava se-lhe e os labios descoravam. Arrastava-se ao chão, saltava ás cadeiras e mesas com extrema facilidade, soltando miados doloridos e plangentes depois uivos e guinchos como os gatos assanhados, seguidos de pff... pff... tão caracteristicos dos mesmos animaes, e brincava com qualquer objecto que se lhe collocava adiante. A crise ainda augmentava, procurando com raiva morder as pessoas presentes. Em seguida lambia as mãos, roçava-se docemente pelos assistentes e pelas pernas das mesas e deitava-se. Assim terminava a crise, que de ordinario durava vinte minutos.

Em 1889 falleceu em New-York o bispo Irving, notavel pelas suas experiencias na catalepsia historica, procurando adivinhar o pensamento da pessoa presente.



## QUARTA EXPOSIÇÃO DO "GREMIO ARTISTICO"



AO FIM DA TARDE — Quadro do sr. Marques de Oliveira  
(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

Se o leitor quiser um curso completo d'estes assumptos leia a *Historia das imaginações extravagantes de Mr. Oufle, causadas pela leitura dos livros que tratam da magica, dos endemoninhados, feiticeiros, lobishomens, dos demônios incubos, succubos, das fadas dos monstros imaginarios, duendes, genios, phantasmas, almas do outro mundo, dos sonhos, da pedra Philosophal, da astrologia judiciaria, dos horoscopios, talismans, dias felizes e aziagos, etc., etc.* Este encantador livrinho foi traduzido em portuguez no anno de 1814, com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

A razão de ser o burro no nosso paiz o escolhido para estas transformações infernaes, não se acha demonstrada philosophicamente. Dizem que o pobre animal em pequeno enganara o diabo, mostrando uma agilidade e esperteza que mais tarde perdeu; e que, talvez, d'ahi proviesse a sua condmnação ao despreso.

O burro é quadrupede ignorante mas tão paciente, que só tem um rival — o camello, com inquestionaveis direitos á estima e consideração dos homens, das mulheres e das creanças que lhe são affeioadas: basta contar os relevantes serviços que presta e tem prestado. O ditado popular considera-o garantia para maus cavalleiros, dizendo: *antes burro que me leve que cavallo que me derrube.*

O burro come pouco e trabalha muito, devendo, talvez, a isso ter tido famosos panegyristas como foi na antiguidade Aristoteles, Plinio e Marco Varron, e posteriormente o sublimaram em versos heroicos, sendo bem notavel o romance de Hieronimo Cortez Valenciano.<sup>1</sup> Em Portugal tivemos os *Burros* do P.<sup>o</sup> José Agostinho de Macedo, que os satyrisou n'um poema heroico comico, e não satisfeito com tal diatribe publicou o apoloquo *O Burro*.

A historia sagrada faz da femea azinina menção honrosa, por haver transportado no seu dorso a familia de S. José, quando fugia para o Egypto; e por tão assignalado serviço, diz a lenda, foi a jumentinha abençoada por Nossa Senhora.

Este solipede teve tambem a gloria de transportar sobre o seu dorso o oiro da Arabia, o incenso e a myrrha de Sabá, presentes que os tres Reis

<sup>1</sup> *Historia de los animales terrestres*, cap. II.

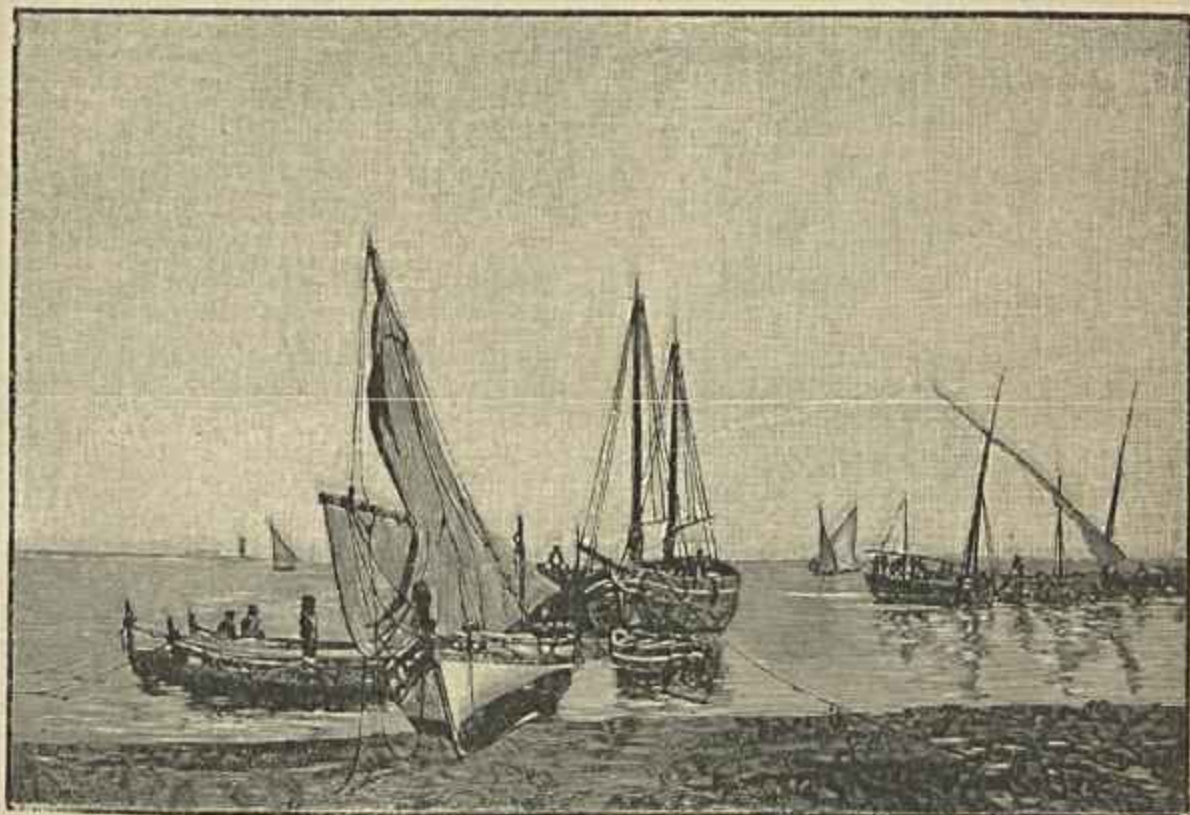
tes a uma encruzilhada, onde se tenha espojado qualquer animal quadrupede, despir se, dar cinco voltas, e espojar se tambem no mesmo lugar, e a transformação em lobo ou burro faz se pelo encanto.

Os lobishomens e asininhomens são inoffensivos; andam apenas cumprindo a triste sina, procurando sempre os sitios ermos e pouco alumia-dos. Quando andam fora do encanto, distinguem-se dos outros homens em terem as orelhas mais compridas, as ventas arrebitadas e escuras, o olhar de soslaio e o halito fetido. São muito desconfiados, tem a voz debil, difficil e guttural, as phalanges dos dedos das mãos, na face dorsal, callejadas, cabellos vastos e emmaranhados, de cor ruiva com laivos escuros, que muitos confundem com os restos da agua circassiana, e da cova do ladrão cahe uma pequena guedelha em cacacol.

Lobishomem, esta etymologia só é bem cabida quando o homem se transforma em lobo, o que tem sido pouco vulgar no nosso paiz, que, talvez, por ser quente, o homem se metamorphoseia as mais das vezes em burro, e n'este caso deve dizer se *asininhomem*.

Segundo as regras da nigromancia a bruxa só pode tonar em *lobishomem* ou *asininhomem* o mortal que se ache em sessão propria, e não esteja munido com os preservativos.

Estas mutações de pelle tem lugar ordinariamente de noite, subsistindo no individuo durante o dia certo grau de desconfiança estúpida.



BARCOS DA MINHA TERRA — Quadro do sr. J. Vay  
(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)



Magos levaram ao Menino Deus recém-nascido, pelo que diz a velha canção:

Aurum da Arabia  
Thus e myrrham de Saba  
Tulit et ecclesiam  
Virtus asinaria.

Um dos maiores feitos de Sansão foi, inquestionavelmente, quando, armado da valente queixada de um burro, matou milhares de philisteus. Diz Hieronimo Cortez:

Y nó solamente vivo  
Tiene el asno fortaleza,  
Pues Sanson con la queixada  
Mató gente Filistea.

Em Verona e em muitas cidades da França fa-

jumenta luxuosamente ajazada e montada por formosa rapariga, levando no collo uma creança. Representava a fugida para o Egypto. Este grupo entrava solemnemente com as irmandades para a capella-mór, onde em seguida se cantava missa, com coros em latim, terminando com o estribilho: *hi hum, hi hum, hi hum*, arremedando o zurrar de muitos burros. Isto tinha lugar no XII seculo!

Portugal ainda possui immensos presepios, onde o bestial onagro occupa tambem posição considerada; mas apresenta-se sempre modesto, com a indolencia da humildade, as enormes orelhas abatidas, e a ossuda caveira a chamar o ridiculo.

Os latinos chamam-lhe *asinus* e *jumentum*; os gregos *anos* e *chilos*; os hebreus *ayr*, e depois de ser cavalgado *chamar*; os francezes *âne*; os italianos *jasino*; os hespanhoes *asno*; e nós os portuguezes, não achando ainda bastante a designação de *asno*, *onagro* e *jumento*, creamos as origi-

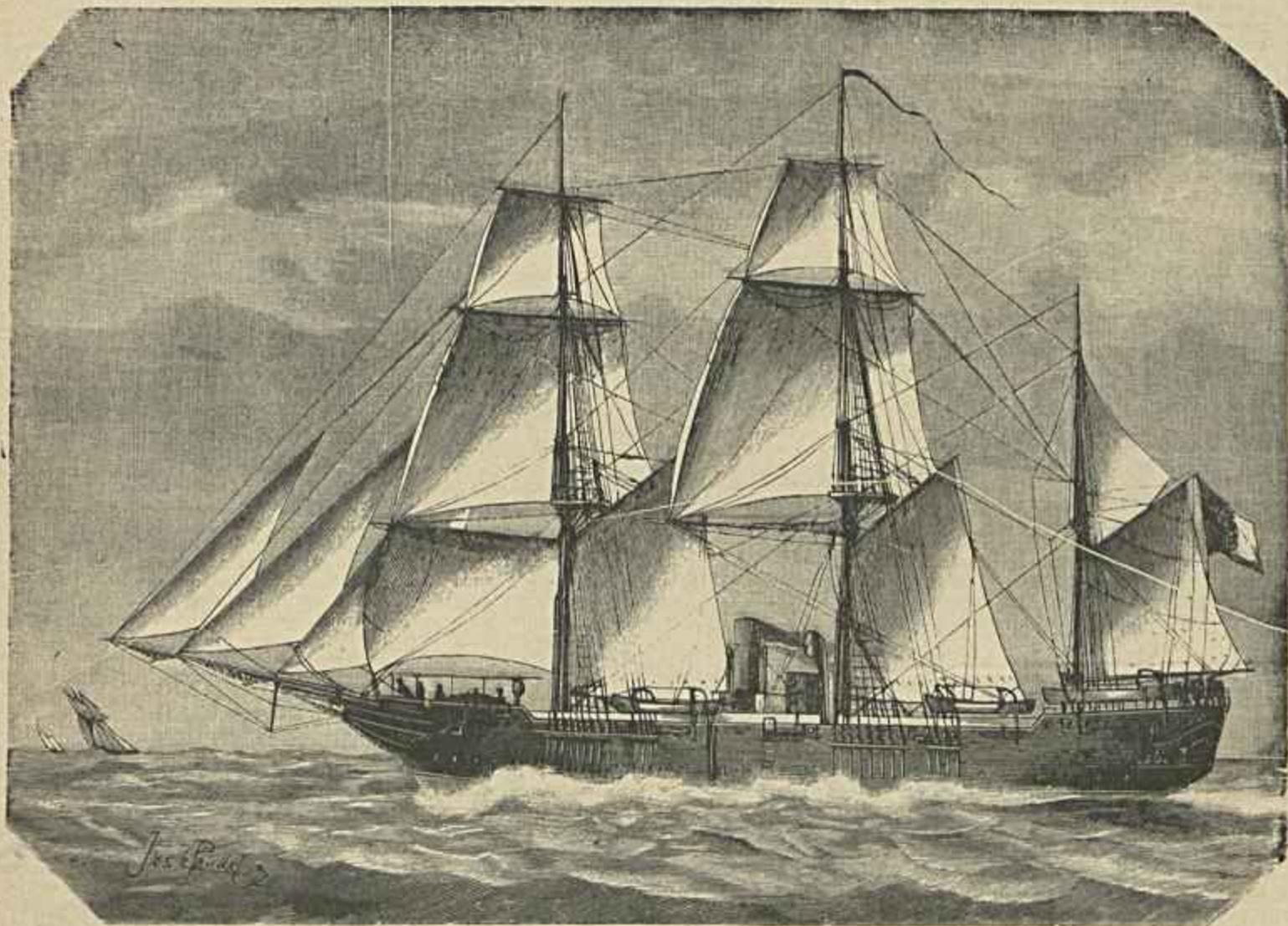
No ay animal tan valiente  
Como el Asno es cosa cierta;  
Pues un Asnillo a un Leon  
A cozes dio muerte fiera.

As partes do corpo do utilissimo animal foram muito manipuladas nas antigas pharmacias: basta ler o *Portugal Medico*, do nosso dr. Braz Luiz de Abreu.

«O sangue do jumento tirado detraz de uma orelha e misturado com a infusão da erva cidreira, além de outras virtudes, afugenta ou diminua os achaques introduzidos por encanto e feiticaria.

«As unhas teem lugar de honra logo abaixo da unha da *gran-besta*, no tratamento dos accidentes histericos, podendo n'este caso serem substituidas pela caveira.

«O leite da asna tem sido sempre um bom conforto para peitos dobeis:



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A CORVETA «DUQUE DA TERCEIRA»

(Desenho do sr. José Pardal)

zia-se todos os annos a *feira do burro*, em que este animalejo tinha o seu lugar reservado na capella-mór do templo, entoando o povo um cantico em seu louvor, e como amostra transcrevemos uma das quadras:

Ecco magnis auribus  
Subjugalis illius,  
Asinus egregius  
Asinorum dominus!

O côro da canção é em francez:

Hez, sire asnos  
Car chantes,

Belle bouche rechignez,  
Vous avez du foin assez  
Et de l'avoine a planter.

Em Beauvais celebrava-se egual festa a 14 de janeiro. Havia uma procissão onde figurava uma

naes de *jerico* e *burro*. Na synonymia d'este animalejo nenhuma outra nação nos deita a barra adiante!

Plínio, um dos naturalistas que primeiro e melhor estudou o *asinus*, diz: ser pachorrento, melancholico mas tratavel, parco na comida, pois lhe bastam só cardos e tojos para andar anafado, muito timido em razão do seu grande coração, sadio, mas frio e humido de natureza, e por isso se não cria na regiões septentrionaes. A sua teimosia é proverbial; o azorrague e o cacete moem-lhe a carne até aos ossos, mas nunca o convencem, e difficilmente o fazem mudar de rumo.

A nobreza dos seus sentimentos permite-lhe quebrar mas não torcer.

O valenciano Cortez define assim as sublimes qualidades d'este solipede:

Para detenello, un xó  
Puede más que treinta riendas  
Para que camine, un arre  
Vale más que veynete espuelas.

Plinio escreve, que la leche  
Del asna bevida es buena  
Para el tossigo, y veneno,  
Y librar de pestilencia.<sup>1</sup>

O esterco, principalmente o produzido na primavera, e o dos burrinhos novos, torrado ou feito em xarope é infallivel contra os fluxos sanguineos.

«A pelle, á laia de colchão, servindo de cama ás creanças tira-lhe o medo e torna-as ousadas. E' tambem apreciadissima pelos timbaleiros.»

«O figado, assado, e comido em jejum, é contra os accidentes de gotta coral:

Dioscorides nos avisa,  
Que si un enfermo almuérça  
Sus higados, sanará  
De gotta coral e lepra.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Cortez, poema anteriormente citado.

<sup>2</sup> Cortez, já citado.



«A urina, misturada com o lodo do fundo dos cantaros, ou talhas de agua e applicada em linimento, oppugna os achaques dos rins, da sarna, callos, etc.»

Finalmente, tudo que compõe o corpo de tão bondoso solipede tem propriedade curativa, que a moça baniu da pratica, talvez com bastante detrimento da saúde dos povos. Só nas aldeias, onde estas boas tradições custam a esquecer, é que algum barbeiro curandeiro vai, ás escondidas, com taes mesinhas, salvando das garras da morte um ou outro misero enfermo, que teve a ventura de lhe cahir nas mãos.

Basta de virtudes burricas. Se as trouxemos tanto a pelo foi para demonstrar a maior evidencia as dividas que o genero humano tem contraído com o triste jumento, a quem o diabo, por embriração particular, foi escolher a pelle para encadernação nocturna dos misantropos feiticeiros, chamados *asininhomens*.

Tenha o leitor bem presentes todas as considerações feitas quando em Cintra ou Cacilhas, se bifurcar no dorso albardado do melancholico solipede que em aturado choito, alentado pela sovinia e arre do garoto, lhe vascojeja ás guinadas os liquidos intestinaes. Não se esqueça então de reparar na ossuda cabeça, que a arriata repuchada sustenta, n'aquellas orelhas que se põem fitas ao levantar as ventas para arregaça o cavernoso heicho, patenteando a alva dentuça e aspirar o doce zephyro, preludio do sonoro e classico *azorral*, zenith... d'onde alguns philologos attribuem a origem das vogaes:

Este animal es quien dio  
Las cinco vocales letras,  
Pues cada vez que rebuena  
A, E, I, O, U, nos muestra. <sup>1</sup>

Isto apesar do vulgo dizer que as suas vozes não chegam ao ceu.

Estas coincidencias lembram a burra de Balaam, que foi distincta oradora.

El Asna en que iba Balaam  
Quiso Dios que al Angel viera,  
Antes que el propheta ciego,  
Y aun del caso le dio cuenta. <sup>2</sup>

A metamorphose dos bramanes, que Pithagoras, que não foi tolo, adoptou como doutrina corrente, torna possível que algum burro seja a transformação diabolica do ente humano, que ande assim cumprindo o fadario... Este mysterio tem sido insondavel aos sabios... enquanto a transmigração burricial nos bipedes se acha geralmente admittida.

Concluiremos — o asno francez ou burro portuguez é o mesmo animal. Se nos nossos templos não figura cavalgado em carne e osso, e apenas pintado ou em esculptura, o que ninguem lhe pode negar é a sua propriedade sacra e profana. Ainda ha pouco, na comedia *O Burro do Senhor Alcaide*, os nossos amigos Gervasio Lobato e D. João da Camara tiraram o maior partido do gerico, escolhendo-o para protogonista... Não deve ter esquecido, quando Maduro atravessa a scena cavalgando o orelhudo animal, como a platêa o saudou com repetidas palmas... E no *tableau* final quando o publico o julga morto e lhe apparece inexperadamente trazendo bifurcadas na albarda as duas acrízes Cinira Polonio e Lucinda do Carmo... Então não temos phrases para o descrever: a ovação tocou o delirio... foi uma verdadeira apothose pela resurreição.

E' mister que a sociedade cesse de vez com a sua critica mordaz, e mesmo com o desprezo, deitando ao ridiculo um animal de historia secular, com relevantes serviços á humanidade, e que tem causado no seu estudo a admiração e o respeito dos sabios de todas as nações cultas.

A. G. Teixeira d'Aragão.

### Um livro de Candido de Figueiredo

Acaba de nos chegar ás mãos o 29.º livro da *Collecção Antonio Maria Pereira*, devido á pena primorosa do nosso estimado amigo e brilhante escriptor sr. Candido de Figueiredo.

É um bello livro de contos muito portuguezes e muito delicados, bem observados, copias do natural, em que um ou outro leitor poderá reconhecer personagens, achando-lhe o sabor das boas

recordações, como *O Bacharel Ramires*, historia de um *dissidente*, que faz parte d'este volume. Além d'esta historia, encontramos *A mulher que ri*, delicioso; *Um crime ha cinco annos*, simples e verdadeiro na propria simplicidade; *O coração de um banqueiro*, uma lucta de amor e de infidelidades conjugaes que termina pelo divorcio inesperado; *A Espingarda iras*, umas mundanas d'Almada nos fins do seculo passado, que deram logar a um processo escandaloso. É historico. *O Carmelita* (*memorias de uma familia*), narrativas historicas dos tempos da guerra de D. Miguel; e *A estanqueira*, quatro paginas delicadas como a personagem que as inspirou.

Com os nossos agradecimentos ao auctor pedimos venia para transcrever este ultimo conto, que, sem escolher é um specimen d'este bello volume de contos.

### A ESTANQUEIRA

Um periódico de Máiaga trouxe-me a noticia de um casamento, cujas precedencias, se conhecidas fossem dos bons cronistas, dariam assunto a mais de uma crónica interessante.

El *Anunciador Malagaño* conta minuciosamente, com um colorido tentador, a magnificência da festa nupcial, desenrola o *autem genuit* dos convidados e suas altas prosápias, desfia a heraldica dos noivos e entra em pormenores que, pelo mais vulgar dos acasos, eram já do meu conhecimento.

Entretanto, interessou-me vivamente a narração da alludida fôlha, e com razão, como se verá

Em 1883, após umas tempestades que me haviam apagado a felicidade do lar, residia eu numa casa de hóspedes, no Largo do Corpo Santo. De tarde, ao cair da noite, desajudado de animo para trabalhar além da hora dos encargos officiais, e ainda menos para a fácil distracção dos cafes ou dos teatros, atravessava o Largo, entrava numa pequena tabacaria que ficava junto a uma daquellas esquinas que deitam para o Cais do Sodré, gastava o meu tostão de modestos *guergerinos*, e lá fumá-los á beira do Tejo, passeando horas esquecidas, entre o indeciso marulhar das ondas e os ruidos impertinentes que se alastravam pelas ruas da cidade.

Há quem deteste o charuto, e com evidentes razões; eu devo-lhe porém a melhor das companhias em horas de solidão e desalento e a saude ainda hoje me leva para o fiel amigo, cujas cinzas, sacudidas pela briza do Tejo, acompanharam talvez a minha aspiração até ás profundezas do azul infinito...

Às vezes, ou porque tivesse de o reacender, ou porque os joelhos me pedissem descanso, ladeava o Atérro e reentrava na tabacaria, cuja proprietária, ou caixeira, era uma elegante rapariga, que, apesar de hispanhola e formosa, mentinha uma tal seriedade, modestia e gravidade de porte, que o seu simples aspecto desarmaria o mais audaz galanteador.

Nos intervallos que a sua occupação lhe deixava, absorvia-se na leitura de um jornal ou de um livro, pensando talvez em tudo, menos no livro e no jornal, e como que despertava de um êxtase, quando assomava á porta algum consumidor de tabaco e, ás vezes, da paciência da simpática estanqueira.

O gaiato, descalço e arrêmgado, pedia *de réis* de cigarros fortes e um *fosfo*; o cocheiro, de *quartola* ensebada e pingalim enrolado no braço, queria um charuto de *cortar*; o fadista, de calça de *bôca de sino* e chapéu na nuca, atirava um pataco e uma amabilidade lôrpa, pedindo *ferreirinhas*; e o marialva de pequena escola desmontava-se á porta, e dava meia libra para pagar dois *trabucos*.

A estanqueira satisfazia imperturbavelmente todos aquelles pedidos, sem erguer os olhos, do tabaco que dava ou do dinheiro que recebia, sem responder á frase alguma que não fosse a banal saudação das *boas noites*, e retomava a leitura do livro ou do jornal.

Tinha mãos finas, patricias; e, quando ellas deixavam cair docemente um charuto de *cortar* nas mãos grosseiras e callosas do cocheiro, que experimentava a mercancia cravando-lhe as unhas tardadas de preto, eu perguntava a mim mesmo se aquella misteriosa criatura teria nascido para vender tabaco, ou se outros destinos lhe haveriam sorrido no berço. A ella nunca lh'o perguntei. O sentimento da propria dignidade, que ella revelava na compostura dos seus gestos e na discreção das suas palavras, tornavam imperdoaveis as interrogações daquella ordem.

Entretanto, não sei porquê, eu não fumava ta-

baco que não passasse pelas suas mãos. Não sei porquê, ou sei demais. Uma rapariga, sobretudo uma hispanhola, honesta, séria e simples, é um caso esporádico e intoléravel para muita gente; mas a mim surprehende-me, e chega a seduzir-me pelo condão das coisas raras.

Parece que a estanqueira, por um acaso qualquer, sabia o meu nome. Ouvira-o talvez a algum transeunte, que me cumprimentara. Não sei. E' certo que um dia, — ella tambem vendia jornaes, — perguntou-me, sorrindo ligeiramente:

— Não quer hoje o *Diario Popular*?

— Não; porque o pergunta?

— Porque dá uma noticia que lhe diz respeito...

Effectivamente o jornal dizia não sei quê, em duas ou três linhas, a propósito de qualquer das minhas frioleiras literárias.

Incidentemente conversámos alguns minutos. Ella estava há pouco tempo em Portugal, mas já sabia alguma coisa das letras portuguezas; lêra Oliveira Martins, Junqueiro, e outros; não lêra mais porque não tinha livros! Porque não podia comprá-los, queria talvez dizêr:

Pareceu-me comprehendê-la, e ousei offerecêr-lhe a leitura de quaisquer livros que eu possuísse. Aceitou a offerta com reconhecimento, quasi com alvoroço, e perguntei-lhe se preferia a prosa ou o verso, o romance ou a historia...

— Gosto de tudo o que seja bem escrito, — disse ella.

Gostar do que é bem escrito não é prenda vulgar em qualquer dos dois sexos, e comeci a suppor que a estanqueira seria talvez uma mulher de letras... anónima.

Effectivamente, em dias subsequentes, fui descobrindo que ella conhecia perfeitamente o que há de melhor na literatura hispanhola, Sabia de cor o Espronceda e o Zorilla; decorára no collégio todas as fábulas de Yriarte, e citava me trechos dos antigos Lope de Vega, Garcilasso e Calderon.

Lembro-me até de que, conversando com ella em castelhano, e pedindo-lhe que corrigisse os meus defeitos de linguagem, empreguei inadvertidamente, n'uma frase hispanhola, a palavra *rapaz*.

— *Mozo* é que eu deveria dizer; não é verdade? porque em castelhano não há *rapaz*...

— Não há, mas houve, — acudiu ella.

— Houve como?

— Calderon de la Barca empregou por vezes essa palavra nas suas comédias; mas, depois d'elle, não a tenho visto em classico algum.

— Vejo que tem lido muito.

— Para os meus dezoito annos, não é realmente pouco o que tenho lido. Até li o *Mariana* e o *Solis*... veja lá.

— E nunca escreveu para o publico?

— Nunca.

— Pois no meu país, quasi toda a gente lê muito menos e escreve muito mais.

E, neste tom ligeiro e desinteressadamente affectuoso, palestrávamos alguns minutos em cada dia. Da sua historia, pude saber apenas que se chamava Gabriela Gutierrez; que era orfan de pai, que sua mãe lutava pela vida, que sua irman trabalhava em bordados, e que o seu pequeno irmão frequentava uma escola publica. O que eu via claramente é que a clientela escasseava na tabacaria e que o interesse de 10 por cento, nos tabacos vendidos mal chegaria para as contribuições e para o pão diario. A Gabriela, que pelos seus dotes fisicos, poderia ser a *great attraction* de uma tabacaria, era, pelo seu porte e pelo seu aspecto senhoril, uma abantésma para a turba multa dos fumadores da Baixa.

Uma tarde, disse-me:

— Sabe usted? me voy a dejar Lisboa.

— Que está dizendo?

— Verdad; con este comércio no se puede vivir...

— Mas já viu que não havia meio de substituir dignamente essa resolução?

— He visto todo, y mañana me parto.

— A'manha?

— Mañana, si.

— E nunca mais terei noticias da minha amiga?

— Io no tengo autorizacion para escribir a nadie.

E, continuando a conversar no seu dialecto andaluz, que é o gascão da Hispanha, ia-me dizendo:

— Mas eu sei que v. é admirador de Espronceda e não viu ainda um poemeto d'elle, *El Arrepentimiento*. Pois bem: deixo-lhe este poemeto. Dirá que é pouco, mas não posso deixar-lhe melhor lembrança.

Guardei a brochura de Espronceda, e despedi-me:

— Con que adios.

— Adios.

<sup>1</sup> Idem, *ibid.*

<sup>2</sup> Id.



Decorreram alguns annos, e só agora *El Anunciador* vem acordar-me na memória o nome de Gabriela Gutierrez, permitindo-me, com os seus esclarecimentos, recompor e completar a biographia da estancqueira do Sodrê.

A noite do Natal, em 1884, não foi, para a Andaluzia, a clássica noite das expansões festivas e dos suaves descantes...

*Esta noite es noche buena,  
Y no es noche de dormir...*

O terrôr e o medo haviam-se alastrado por todos os povos do litoral do sul, e ninguém cantava, ninguém sorria. Os terremotos da Andaluzia, compungindo o mundo inteiro, convertiam num inferno de ruínas e clamôres o paraíso dos abencerragens. A volta de Granada e Málaga, a população, faminta e enfiada de terrôr, divagava desnorçada, fugindo de todos os abrigos e aguardando a cada instante novos abalos subterrâneos, novos desmoronamentos, novas desgraças. De quando em quando, edificios que haviam resistido aos primeiros abalos, esboroavam-se imprevisivelmente. Aquém e além, do seio das ruínas, saíam gritos desesperados e ais de moribundos.

Provaram-se então muitas dedicações heroicas, e os sentimentos humanitários puseram em relêvo milagres de intrepidez e prodígios de virtude.

Entre os beneméritos que arriscavam a vida, prescutando nas ruínas os queixumes das victimas e pensando os feridos, sobressaía uma esbelta rapariga de Málaga, pelo desinteressado afan, com que desempenhou o papel de verdadeira irman da caridade.

N'uma d'aquellas noites horrorosas, em que as bellas cercanias da cidade eram pungentes hospitais de sangue, um abalo mais forte agitou até aos ulcêres o palácio da quinta de Lacueva, solar da marquês de este título, e toda a familia daquella titular procurou a salvação fugindo.

Quando, porém os filhos e os criados da marquês se afastavam do palácio que começava a desconjunctar-se, a corajosa rapariga subia rapidamente a escadaria do palácio, entrava nos longos corredôres e conseguia arrastar para fóra, até ao jardim, a marquês de Lacueva, que havia desmaiado ao querer fugir.

Momentos depois, o palácio era um montão de ruínas.

A marquês, reanimada pelos cuidados da sua salvadora, compensou-a com a mais extremosa amizade, e facilitou-lhe o casamento com seu filho primogênito, o conde de Algeziras.

E' deste casamento que o *Anunciador* me trouxe minuciosa descrição.

A noiva chama-se Dona Gabriela Gutierrez. Segundo as referências daquella fôlha, era filha do coronel Gutierrez, que se envolveu desastrosamente na insurreição de Cartagena, deixando, por sua parte, a viúva e as filhas em deploráveis condições. A viúva e as órfãs, não podendo manter na sua terra a sua primitiva situação social, haviam-se expatriado para Lisboa, procurando no trabalho os meios de subsistência, chegando Gabriela a poder estabelecer uma venda de tabacos.

De Lisboa haviam regressado a Málaga, onde o incidente de Lacueva lhes proporcionara mais desafogada existência.

A ramha de Hispanha, que soube do salvamento da marquês e que nessa occasião quis conhecê-la a heróica rapariga, recebendo-a e brindando-a gentilmente, enviou-lhe agora um rico presente de núpcias.

Segundo parece, o conde e a condessa de Algeziras virão passar a primavera em Lisboa.

Se assim fór, é claro que hei de visitar a estancqueira do Sodrê. O que ella me dirá, não sei; mas o que eu lhe poderei dizer é — que nunca mais fumei charutos tão suaves e tão aromáticos como os da senhora condessa.

E é verdade.

*Candido de Figueiredo.*

## O SR. MANOEL DO JALECO

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A. Caetano Alberto

I

Naquella manhã o sr. Manoel do Jaleco, ao entrar em casa, depois do seu passeio pela quinta, vinha sorumbático, e quando os pequerruchos irromperam da porta da cosinha e o rodearam no pateo, pedindo-lhe com grande algazarra a benção, elle, pela primeira vez da sua vida de pae, afastou-os

com a mão, e resmungando um *Deus os abençoe* colectivo, atirou-se para cima d'um banco, e ficou-se de cabeça baixa, olhando para o chão, e descrevendo curvas no lagedo com uma varita que trazia na mão.

As creanças acompanharam de longe o pae, olhando-o com um ar admirado, e depois, como elle continuasse absorto, sem fazer caso d'elles, foram-se escoando um a um, e d'ahi a pouco ouviam-se retouçar no pateo, fazendo um alarido dos demonios.

— Pequenos! Filhos! Que bulha é essa? Se eu lá vou!... gritou-lhes a mãe — a sr.<sup>a</sup> Maria Domingas — a tia Domingas — como lhe chamavam.

— Deixa lá os rapazes. Estão na sua idade. Que hão de elles fazer? observou o Manoel.

— Sim, tu dizes sempre isso, mas eu é que cá estou para os lavar e coser. Aquellas calças, que o Antonio estreitou no domingo de Paschoa, já estão todas esfrangalhadas, mesmo em lixo, uma vergonha. Se a gente os deixa rasgam se todos, e nós é que os pagamos. Eu não sou da tua systema. De pequenino se torce o pepino.

O Manoel não replicou.

— Queres almoçar? As migas estão promptas, e que boas que ellas estão!

— Quero, sim.

A tia Domingas chegou á porta do pateo. A bulha do rapazio cessou de repente.

— Andae cá, meninos. Vamos almoçar. Ai, Fernandinho, como vindes aceiado e composto. E vós, Antonio, olhae, como trazeis as calças! Cá tendes a escrava, para vos remendar!

A marmanjada entrou de roldão pela porta atropellando-se, com receio d'alguma cachaleta, que elles bem sabiam que a mereciam.

— Foi o Antonio...

— Deixe falar, mãe, foi elle que me botou ao chão — retrucou o outro, ameaçando com a mão-sita o accusador.

— Calada, nem mais pio!

A esta intimação da mãe, os grulhitas calaram-se, investindo vorazmente com as migas fumegantes.

— Agora reparo, Manoel, disse Domingas — a meio do almoço — tu tens alguma coisa, homem; não falas, não dizes nada! Aquillo que eu disse...

— Não, não, não é isso. Nem me lembro já do que tu disseste.

A tia Domingas olhou para elle fixamente com um modo interrogativo, e depois disse:

— Então, Manoel, se não foi isso, é outra coisa. Porque tu tens alguma coisa hoje...

— Não tenho nada.

— Tens, tens. Dize lá o que é. Quem é para o amor, é para os trabalhos, e eu sou tua mulher, tu bem sabes.

Maria Domingas era uma mulher decidida — mulher d'armas, como se costuma dizer — e em caso de necessidade manejava um sacho com um vigor masculino. Nem todos lhe mettiam medo. Em casa a voz mais alta que se ouvia, era a d'ella, e no sitio, quando se falava d'elles, dizia-se:

— Vae a casa da tia Domingas.

— Venho de casa da tia Domingas.

As vacas da tia Domingas.

— Elle — o Manoel do Jaleco — vivia na sombra: era um bom homem, que nunca deu que falar, n'uma palavra, um pobre homem. N'essa conta o tinham, e assim fóra até alli.

Uma vez acordada a curiosidade na cabeça d'uma filha d'Eva, qualquer que sejam as suas virtudes, não desconfia, enquanto não lh'a satisfazem, ainda que seja com uma mentira. Mas o Manoel é que não era homem de guardar segredos com a familia.

— Como eu já sei que tu me vaes matar o bicho do ouvido com as tuas perguntas, já te digo o que foi, para ficares socegada.

Tu sabes que esta quinta, d'antes tinham por costume entrar, lá ao fundo junto ás oliveiras, pelo muro que estava derrubado, e faziam d'ella serveitua aqui para a estrada. O dr. Mendes, que é quem a tinha, quando eu a comprei, mandou levantar os muros, e como era o juiz e tinha cá um creado e um feitor que não eram para graças, o povo respeitava-lhe a casa, perdeu o veso ao caminho, e dava a volta á roda da quinta. Agora parece-me que querem tornar á antiga...

— Como tornar á antiga? perguntou a tia Domingas, ficando os cotovellos na mesa, e franzindo lentamente as grossas sobrancelhas. Então a gente não é senhora do que é seu?! Mas eu ainda hontem dei a volta da quinta, e não vi nada...

— Não viste nada, porque eu compuz o que elles derrubaram. Olha, e entram exactamente pelo mesmo sitio, por onde costumavam d'antes. Ha tres dias que acho algumas pedras caídas em baixo, ao pé da oliveira grande.

— Então que volta se ha de dar a isso? Porque se nos devassam a terra, d'aqui a pouco estamos

a pedir! Vae-se-nos o milho, a vinha, a fructa: Estamos aceiados! Roubam-nos de dia e de noite! A gente não ha de estar sempre de guarda.

— Que volta se lhe ha de dar? dizes tu. Por causa das voltas é que isto é. Volta é que elles não querem dar.

— Mas alguma lhe havemos de achar, Manoel, que a terra é nossa, e foi comprada com o nosso dinheiro, que tanto custou a ganhar ao teu pae, ao meu e a nós. Assim a valentona é que a não levam, isso não.

— Assim deve ser, mulher, mas o que será é que eu não sei.

II

Passaram-se dias, depois d'esta conversa, sem que nem ao almoço nem ao jantar, as duas occasiões em que o casal discutia os seus interesses — as sementeiras, a colheita, os alugueis do gado, as decimas, os estrumes, as jornas — estes capitulos interessantissimos da vida agricola — se tornasse a falar na questão do muro. A questão jazia, porém não estava morta, e o que mais é, ambos, dia e noite, pensavam n'ella: é que para elles era de vida ou de morte. A propriedade fechada valia muito, valia tudo, mas aberta e devassada não valia nada.

E tanto isto era assim que, todos os dias, ao romper da manhã, a tia Domingas dava tambem a sua volta, agora mais larga do que o costume, tomando logo a direcção do Altinho da oliveira grande, logar por onde o seu Manoel lhe dissera que entravam na quinta. Estas inspecções, por infructiferas, principiaram a serenar um pouco o seu espirito, porque, por mais matinal que ella as fizesse, e chegara a ponto de lá estar de vigia ainda com as estrelas no ceu, não conseguia vêr o atrevido invasor. Elle, todavia, quem quer que era, continuava a violar o muro, atravessando a quinta para a estrada. Como é então que ella não o vira nunca, nem descobrira os vestigios da sua passagem, as pedras caídas e as pégadas no chão, em baixo do muro?

Não querendo alterar a paz domestica, a santa paz, em que até ali tinham vivido, e contrariar a sua companhia, prohibindo-a de se intrometer n'aquelle caso, que elle entendia ser da sua jurisdicção, como homem, não lhe occultou o facto, mas quando se tratou do sitio assaltado, não lhe apontou o verdadeiro, indicando-lhe outro muito distante. De forma que, ao passo que a tia Domingas se ia tranquillizando, a ponto de não insistir já no assumpto, elle é que lhe custava muito a occultar-lhe a preocupação que o dominava.

Tinha exgotado todos os modos de advertir o invasor de que fóra descoberto e era mal recebida a sua visita, desde as pedras cuidadosamente repostas no mesmo logar, d'onde as tinham tirado, até dois paus que elle se lembrou de armar em cruz, bem á vista, pensando que esta ameaça seria entendida, e poria fim aos assaltos. Nada, porém, surtira effeito, e elles repetiam-se como d'antes, não conseguindo elle ainda vêr quem era o audacioso, que tão cedo por ali transitava.

Manoel do Jaleco era a este tempo um homem de seus trinta e cinco annos, meião de estatura, largo de hombros e de aspecto robustissimo; mas, pertencendo a uma familia de rixosos e valentões, tinha tal bonhomia e pacatez, que a todos admirava. O que fazia dizer á tia Domingas na sua linguagem sentenciosa e pittoresca, que, ás vezes, d'uma ovelha preta nascia um cordeiro branco!

Na sua alma, forte e soffredora, a paciencia quasi não tinha limites. A's vezes viam o apertar os pulsos com as mãos, como para sentir a força dos seus braços herculeos, iniciava, esboçava a acção de arregaçar as mangas da camisa, mas apertava os dentes, e ficava se. Estas ameaças de tempestade tinham porém tal eloquencia, que eram logo comprehendidas! Não era elle d'aquelle sitio, mas comsigo viera a tradição da sua familia de façanhudos brigões. E, um dia, quando elle voltara costas, um que o conhecia de mais longe, disse na taberna do logar proximo:

— E' o tio, o José Jaleco, como quem o pintou. E, mansinho como um cordeiro, é ter cautella com elle. E' da mesma raça, e bem procurado tem os mesmos fígados. Vossemecês não o conhecem. Eu vi-o, aqui, ha dez annos, na festa da Atouguia. Deixou ás portas da morte, cinco ou seis, e não se deu á prisão senão ao sargento da cavallaria do destacamento! E olhem que no fim da baralha não tinha uma beliscadura!

— Este? perguntou um dos assistentes.

— Sim, este — respondeu o outro — e se tem duvida vá-lh'o perguntar, que elle é homem para lhe responder.

(Continua)

Zacharias d'Aça.



## REVISTA POLITICA

Estamos em pleno agosto e a canicula já mandou a sua guarda avançada de calôres, prometendo derreter os restos da gordura que o fisco tem ainda deixado sobre os descarnados ossos do contribuinte, pelo que tanto nos afrontam os raios abrazadores do sol estival, como os decretos do *Diário do Governo*, que veem dia a dia agravando os impostos.

Assim depauperados pelo excesso do calor e pelo excesso dos impostos, não é para admirar a extrema fraqueza que invade os habitantes d'esta península, fraqueza que descamba no tanto se me dá... não havendo inergias possíveis entre as camarinhas copiosas que n'estes mezes destilam os peninsulares abatendo-lhe as forças phisicas, e os constantes reveses da patria que abatem as forças moraes.

N'estas circumstancias a politica portugueza esta-se parecendo extraordinariamente com o cholera, classificado pela Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. É uma politica attenuada.

Politica attenuada em toda a linha, desde as folhas republicanas até ás folhas governamentais.

A opposição faz-se sem vigor; a defeza faz-se por demais, e quando o leitor molmente recostado sobre a cadeira de verga, pega por desfastio n'um jornal politico, nada lhe perturba a quietude do seu corpo e do seu espirito porque o jornal está tão molle como elle, é um producto do mesmo meio desalentado.

Onde estão as indignações de 11 de janeiro de 1890 por causa do *ultimatum* da Inglaterra que nos levava uma boa parte da Africa?

Onde estão as indignações de agosto d'esse anno ao discutir se o convenio?

Onde estão essas manifestações de vida que este povo ainda teve então, ao sentir que lhe retalhavam o patrimonio de seus maiores?

Estão todas diluidas, distilladas pelos poros da pelle, n'esta quadra que atravessamos, e assim se explica a indifferença com que foi recebida a noticia da Alemanha ter occupado, sem mais preambulos, a bahia de Kionga, na nossa Africa Oriental.

Faz em verdade um contraste singular o que se passou em 1890 com o que se está passando agora.

Tudo effeito do calor.

É antes isso do que termos que attribuir o inervamento publico, ao ultimo extremo da indifferença a que este bom povo chegou, desiludido de quantos lhe tem dirigido os destinos, convencido da sua perda fatal, ao ouvir as jeremiadas que a imprensa geralmente está fazendo como quem já não tem esperanza nem vê remedio.

De facto os jornaes opposicionistas tem desencadeado n'uma tal choradeira, n'estes ultimos dias, que as folhas governamentais mal distarçam já as suas maguas e começam a fazer betcinho. Se o choro rompe em toda a linha imagine o leitor o berreiro que ahi vai haver.

Mas o peor é que se confirma o dito: *chora na cama que é parte quente*.

Emquanto os orçamentos calculados e os relatorios cor de rosa da fazenda faziam antever um proximo equilibrio da receita com a despeza, os factos vão demonstrando o contrario, deixando ficar mal todos os optimismos orçamentais.

É o que se deprehende da operação financeira que o governo acaba de fazer, vendendo as obrigações dos tabacos que tinha em carteira, para pagar os juros da divida publica em outubro e janeiro proximos.

Dizem as folhas governamentais que a operação foi vantajosa, tanto no preço porque mais um syndicato tomou essas obrigações, como por se evitar a subida do ouro, e, portanto, elevação do cambio, que necessariamente haveria se o governo tivesse que se habilitar a pagar lá fóra os juros sem ser por este meio.

Sob este ponto não poupam elogios ao governo exaltando as vantagens da operação como toda a peixeira que quer vender o seu peixe.

O que é certo, porém, é que todos os governos tem feito sempre operações financeiras muito vantajosas, segundo a voz dos seus orgãos, mas a fazenda publica está reduzida á expressão mais simples a despeito de todos os grandes negocios.

Se em todas essas operações tem havido gran-

des vantagens, não tem ellas sido decerto para o thesouro, que está como se vê.

João Verdades.

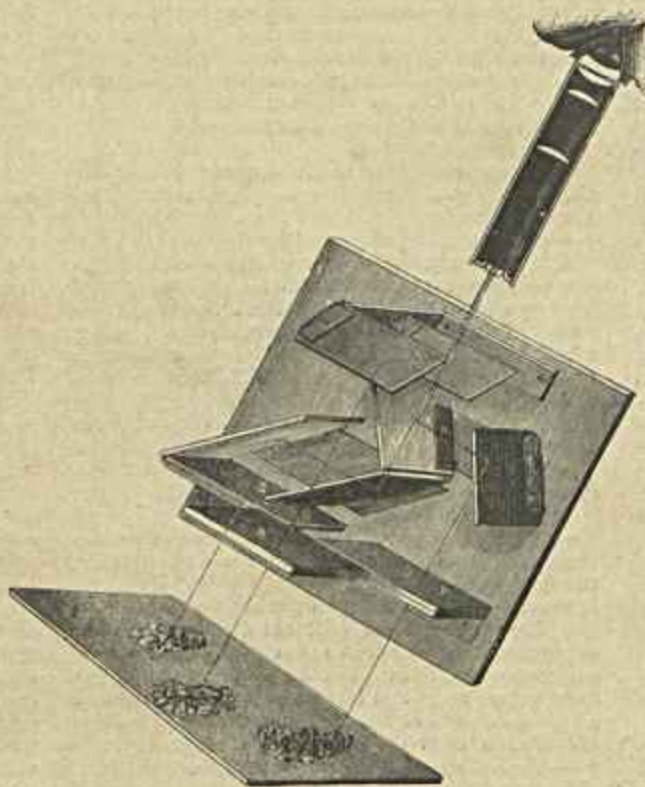


## NOVIDADES DA SCIENCIA

## O HÉLIOCROMOSCOPO

O instrumento de que damos a gravura é o resultado d'uma pequena parte dos estudos e experiencias, que se tem feito e farão ainda para descobrir a photographia colorida. Esperando que este problema da reproducção directa das cores seja resolvido d'uma maneira pratica, é interessante todavia que se assignale mais um processo imaginado por um inventor americano, o sr. M. F. E. Ives, de Philadelphia, para a reconstituição das cores.

Segundo o physico Thomaz Young, as cores fundamentais cuja sensação nos fornece a impressão de todos os tons do espectro são em numero de tres: vermelho, verde e violeta.



NOVIDADES DA SCIENCIA — O HÉLIOCROMOSCOPO

Partindo d'esta theoria, deduzimos que os olhos humanos possuem tres feixes de nervos sensiveis a estes tres grupos distinctos de cores; o primeiro feixe é sensivel ao vermelho, o segundo ao verde, e o terceiro ao violaceo. Esta theoria é seguida e tida como base da reconstituição das cores em photographia.

Estas tres cores indicadas, consideradas fundamentais, fazem com que as tres imagens, vermelha, verde e violeta, sendo vistas atravez d'um systema de alvos das mesmas cores, ellas se confundirão em uma só, reproduzindo as cores respectivas do objecto.

O inventor opera assim successivamente: começa por preparar tres negativos com o auxilio da camera escura munida de tres objectivas identicas. Os raios luminosos concorrendo para a formação da imagem a estas tres objectivas deante das quaes estão collocados alvos coloridos, formados de espelhos cujas faces não apresentam um perfeito parallelismo; devido a esta precaução evita-se que a imagem se desdobre mercê da reproducção pelos reflectores.

Com a ajuda dos negativos obtidos em chapas isochromaticas, produz-se um positivo transparente pelo contacto. As imagens parciais são identicas quanto ao ponto de vista e dimensão; todavia, cada uma d'ellas só é transparente para o feixe pertencente á imagem parcial.

O instrumento imaginado pelo inventor e com

a ajuda do qual se podem verificar estes phenomenos é representado na nossa estampa. Ahi vê-se simplesmente a base, porquanto o aparelho completo consta d'uma camera quadrangular e n'uma das suas faces está um tubo optico e supportadas por um eixo que permite inclinar ou modar de posição.

Assim, na nossa gravura só representa um corte transversal, o interior do *heliocromoscopo*; primeiro o *chromogramma* ou transparente. Em frente ou em cima das tres imagens estão dispostos os tres alvos corados R, G, V.

A imagem em R é transparente para o vermelho mas opaca para as outras cores. A imagem de G só é transparente para o verde, e da mesma forma a imagem que se acha no alvo V violaceo, só o é para o violeta.

Tendo atravessado os alvos corados, as imagens sobrepõem-se por uma serie de espelhos. O raio passando atravez do alvo transparente vermelho reflectirá sobre o espelho opaco collocado na parte superior do instrumento, soffre então uma segunda reflexão sobre um outro espelho parallello ao primeiro e finalmente, passará á luneta do tubo optico.

Pelas mesmas razões os raios que atravessam o alvo transparente verde, são recebidos n'um espelho opaco e reflectidos por outro semelhante que se acha ao centro do aparelho, e depois atravessam igualmente dois espelhos transparentes para se precipitarem na luneta do tubo optico.

Os raios violaceos, depois de duas reflexões successivas, formam com os outros dois feixes, um feixe unico que vem ferir a vista do observador.

Um reflector collocado por baixo de cada negativo permite dar-lhe uma luz conveniente á iluminação precisa.

Os resultados que se obtém com o auxilio d'este aparelho são, ao que parece, os mais notaveis até agora noticiados, pois que as cores são reproduzidas com a maior fidelidade.

E. P.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O *Occidente*, numero especial. *Homenagem a Caetano Alberto da Silva*, 7 de agosto de 1894. Os artistas collaboradores d'esta revista publicaram um numero especial commemorando o 51.º anniversario natalicio do nosso querido director artistico.

Foi uma homenagem graciosa e altamente justa e que causou ao nosso amigo a mais grata surpresa.

Insero, esse numero, além do retrato de Caetano Alberto, muitos artigos, expressamente escriptos, pelos principaes collaboradores do *OCCIDENTE*, para esta saudação.

Esta homenagem achou echo em toda a imprensa portugueza, especializando o *Seculo* e o *Recreio* que publicaram, tambem, o retrato do nosso director, em nome de quem agradecemos as boas palavras que lhe dispensaram, não só estes periodicos mas muitos outros taes como a *Nação*, *Diário de Noticias*, *Vanguarda*, *Batalha*, *Diário Ilustrado*, *Tempo*, *Universal*, *Folha do Povo*, *Correio da Manhã*, *Economista*, *Jornal do Commercio*, *Diário d'Elvas*, etc.

Por offerta da commissão iniciadora podemos hoje brindar os nossos assignantes com um exemplar da mimosa publicação, synthese do respeito e apreço que ao nosso proficiente director é tributado sincera e justamente.

## Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

## Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.